

REVISTA RECORTE

Revista do Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura

ISSN 1807-8591

O MUNDO NOVO: *ECCE MUNDUS*

Lucio Valentim

Universidade Estácio de Sá – UNESA

ABSTRACT: Based upon the reading of the works *O admirável mundo novo*, *A laranja mecânica* and *1984*, we present an analysis of modern times, technocience, violence and the attachment to ephemeral passion.

O Mundo Novo aí está e continua a inventar seus impasses - em acordo com certas utopias que ele mesmo supôs. A realidade virtual dos clips, dos games, dos chips, dos 3D; a frivolidade ágil dos shoppings, dos fast-foods, dos self-services; a massificação dos serviços, a pseudocoletivização das gentes, dos costumes, enfim; o stress, a mercadoria, a competição urbana, o consumo, tudo isso coloca o cidadão contemporâneo - desde idade social muito precoce - frente a perspectivas sombrias ou, quando menos, desfavoráveis; tudo isso somado resume o fetiche de um mundo que vende facilidades, mas que sonega seus ônus.

De há muito a literatura universal vem discutindo o tema e, se pudéssemos imaginar uma linha que cruzasse o século, elegeríamos para nosso propósito alguns textos fundamentais que fariam melhor compreender o que aqui se pretende enfocar: a) *O Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, b) *1984* (1948), de George Orwell, c) *A Laranja Mecânica* (1971), de Anthony Burgess - textos que têm como tema as escatologias do mundo futuro.

No livro de Huxley, deparamo-nos com uma sociedade dominada pela manipulação genética, onde o processo de reprodução artificial fabrica castas em laboratórios para o domínio de outras classes, inferiormente idiotizadas - tanto pela tecnologia genética quanto pela midiática -, a fim de cumprirem o papel social da submissão; ambas (porque era um mundo asséptico, aparentemente sem tensão entre os extremos), ambas a sua maneira tentando parecer humanas, mas

igualmente submetidas às benesses mercadológicas do mundo artificial. Nesta sociedade, o instrumento de repressão à súbita insatisfação social, ao tédio semi-humano, ao sentimento de artificialidade do amor e das relações é o Soma, droga sintética patrocinada e administrada pelo Estado, com o intuito de interferir na personalidade dos grupos, aplacando-lhes as dores e ajudando o cidadão a acomodar-se às admiráveis novidades do Mundo. Droga típica de uma sociedade hiper-real, despersonalizada e organizada de acordo com os pressupostos da ordem, da limpeza, o Soma funcionava ali como o aditivo perfeito para que as peças humano-sociais permanecessem, roboticamente, cumprindo seu papel.

Já em Orwell, o Estado é o Grande Irmão onipotente, onipresente e onisciente e que vigia, através de sistemas eficientes de manipulação eletrônica, as identidades individuais, penetrando sonhos e desejos; a liberdade é rarefeita, e pressupõe a submissão total do cidadão ao Partido - sob o olhar eletrônico de teletelas espalhadas pelas casas, praças e ruas - e das Polícias do Pensamento. Aqui, a insatisfação social é latente: há ideologias distintas, prenúncios de insurreição, mas o domínio do Estado militar não deixa margem para as divergências, pois funcionava neste contexto quase como substituto da consciência dos seus cidadãos - e sempre punitiva. Já A Laranja Mecânica focaliza uma sociedade liderada por gangs de adolescentes anti-sociais, gratuitamente violentos e drogados, sádicos e totalmente despojados de qualquer ideologia. Esta espécie de pré-punks, denominada *nadsat*, representa a descrença sádica em relação aos modelos sociais, configurando, em contrapartida, seu mais irônico e violento refluxo.

Huxley, Orwell e Burgess tratam, nas obras citadas, de sociedades fundadas em tempos em que o mundo mecanizado e futurista tem no novo indivíduo – entorpecido e seduzido pela lógica da mercadoria - um híbrido que, entre orgulhoso e esgotado daquilo que ele mesmo construiu, organiza-se em grupos cada vez mais distintos e distantes, para os quais o entendimento entre as partes não é fruto da fraternidade ou tampouco da tolerância – conceitos abstratamente messiânicos -, mas de formas excêntricas e difusas de controle midiático, nas que o cidadão, inadvertidamente, entra em simbiose com a hiperbólica idéia de *mercadoria* de Estado.

Apesar de possuírem algo em comum, porque em uníssono apontam para instantes sinistros das formas humanas de vida futura, os textos acima nos remetem a perspectivas distintas quanto à abordagem desse futuro. É verdade que a realidade genética, neste fin-de-siècle, nos invade e que a concepção artificial do homem é fato real, (apesar de ainda não fabricarmos os nossos idiotizados cotidianos); o processo de globalização discursa a possibilidade de transnacionalização

das culturas, mas não há, neste contexto, espaço para uma ideologia de Estado que não seja pelas vias do entretenimento (embora a fantástica idéia de uma aldeia global já se esteja delineando nessas espécies de grandes Estados transnacionais: Mercosul, Mercado Comum Europeu, Tigres da Ásia), o que desemboca outra vez no *mercado*.

Contudo, há dúvidas sobre se a necessidade de mercado forçará de fato todas as tolerâncias - sobretudo as raciais e religiosas.

O texto de Burgess apresenta-nos um tempo em que não há mais partidos, não há Estado, não há andróides, nem ideologias (pelo menos na base comportamental da geração que domina o universo *nadsat*), mas, em contrapartida, convive-se com os dejetos da hiper-informação, num mundo em que algumas contradições da sociedade são consumidas sistematicamente, veiculadas em clips comerciais, fantasiando ícones artificiais que servem de alimentar a tensa e desigual competição cotidiana. Neles, existem sempre modelos a serem seguidos e estes modelos quase sempre se chocam com o real. Ali, a banalização da violência - e conseqüentemente do humano -, são artigos comuns.

Como no mundo de Huxley, a droga é livre e sistematicamente utilizada, de modo que desde adolescente se pudesse desenvolver uma espécie de desajuste agressivo e desequilibrado, que fizesse odiar as instituições e todos os seres vivos - e os agredir -, mas meramente por razões psicológicas, nunca por ideologia ou politização.

Se hierarquizássemos os textos citados de acordo com as perspectivas por eles apontadas e as circunstâncias históricas em que foram concebidos, somando-se isto à própria realidade transcorrida no século XX, poderíamos agrupá-los e compreendê-los da seguinte maneira: a) preconizado no pós-guerras, o mundo futuro de Orwell previra uma forma de organização que superasse as dicotomias advindas dos conflitos e destroços da guerra: uma ordem social centralizadora e poderosa, que pasteurizasse os indivíduos por intermédio da propagação ideológica. Esta sociedade, antevista em 1984, meio yuppie e decadente, dominada pela máquina e pela burocracia de Estado, parece já ter experimentado em nosso tempo seus dias de apogeu e declínio; b) *O Admirável Mundo Novo*, de Huxley, idealizado no entre guerras - e como um contraponto à idéia subliminar da guerra de que a tecnologia e a ciência, que serviam à violência e à destruição, um dia iriam redimir o mundo, vislumbrou uma sociedade sofisticada, asséptica e eugênica, acomodada à realidade da tecnologia; entretanto a ciência, que se esperava fosse uma forte aliada à reconstrução do futuro, no mundo de Huxley encontraria seu mais radical paroxismo.

A manipulação genética, em nosso tempo, não atingiu os níveis huxleyanos, porque tem como meta o mercado - e nele sua forma específica de domínio; desta maneira, hoje, a manufatura de gens não aspira propriamente a uma dominação de castas - exceto se este produto/serviço (manufatura para dominação) vier a ser exigido pelo mercado; as drogas sintéticas proliferaram, mas, em contrapartida, as doenças (sociais, físicas, psicológicas) se multiplicam, nesta espécie de ciberespaço neoliberal, epi-de-mi-ca-men-te; c) Já no texto de Burgess imagina-se uma sociedade destituída de valores, na qual uma camada média decadente, dominada pelo consumo e pela produção de serviços virtuais (inclusive o amor), produz jovens desajustados e perversos.

Texto concebido no limiar dos anos 70, *A Laranja Mecânica* não esconde ser uma observação hiperbolizada daquelas primeiras tribos de adolescentes que começavam a se formar no rastro do ideário hippie e de toda a cultura pop característica da transição político-comportamental ocorrida na passagem dos 60 para os 70 (informática, video-clips, drogas sintéticas, mundo virtual etc), e do pós-guerras: *os punks*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURGESS, Anthony. *A Laranja Mecânica*. São Paulo: Editora Artenova., 7ª ed. 1977.

HUXLEY, Aldous. *O Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Abril Cultural. 1980.

ORWELL, George. *1984*. Tradução de Wilson Velloso. 29ª edição, (com Apêndice da Novilíngua). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.